



A VELOCIDADE DO APRISIONAMENTO: A INFOVIGILÂNCIA COMO CONTROLE DO CORPO

Mario Finotti Silva¹

Resumo

O presente texto tem como objetivo procurar apontar como e por qual caminho o aprisionamento do corpo é percebido frente às tecnologias que caminham a passos largos para o total esvaziamento do corpo e preenchendo cada vez mais os espaços virtuais. Esta troca de sentidos experienciados sempre levantou discussões como sendo, ora de privação e em alguns casos mais extremos, cerceamento e quando se torna comum e pede para que sejamos livres, através das câmeras de vigilância, cartões com chip e telefones móveis como premissa de segurança, mostra de fato que estamos presos. A pergunta é: Quem se dá bem? As pessoas ou as empresas de tecnologias que desenvolvem aparatos, prometendo resultados com seus produtos descartados e desatualizados? Para alimentar essa corrida tecnológica as empresas preparam todo dia uma forma de vender mais coisas que cada vez precisamos menos. Será essa a chave do descontentamento e da sensação de liberdade que tanto procuramos desde eras remotas? Para ser livres precisaremos ser prisioneiros ou pelo menos estar acorrentados às âncoras de quem detém o capital. A proposta é compreender como o corpo se encaixa nesse contexto na qual o poder exerce função de segurança nessa guerra diária por um pedaço das pessoas. O bolso ou o corpo é quem paga o preço da tecnologia na medida em que a violência simbólica é ignorada ou arbitrariamente apresentada como trivial. Nesse panorama não se distingue acusador e acusado e só nos resta guardar o que sobra das migalhas espalhadas. Elas, as imagens que são referenciadas muitas vezes como poder absoluto. Qual o significado do corpo presente em uma sociedade que caminha para o desaparecimento rumo ao virtual na sua plenitude. Pensar corpo é pensar sensorialidade e no virtual o sensorio é alterado por completo e ritmado. O que custa? O custo é a paralização, a negação do corpo como agente produtivo. A inércia da vontade e a estagnação da pulsação da vida como agente social. Mas nem tudo é perdido e há o que salvar quando a proximidade da tecnologia não invade o corpo e o deixa pensar livremente e relacionar como deve ser. Corpo pensar corpo e máquina executar comandos apenas como máquinas e não serem colocadas no altar da glória sendo agentes da vida substituindo a própria vida.

Palavras-chave: Cultura. Corpo. Violência simbólica. Infovigilância. Controle.

¹ Mestre em Comunicação Social com ênfase em cibercultura pela UNIP-SP. Doutorando em Comunicação e Semiótica com ênfase em Cultura e ambientes midiáticos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil.

V COMcult

o que custa o virtual?

“Estamos todos iniciando outra grande viagem. Para onde, também não temos certeza, mas uma vez mais estou convencido de que essa nova revolução afetará um número ainda maior de pessoas e nos levará bem mais longe. As principais mudanças dizem respeito à maneira como as pessoas vão se comunicar entre si. Essa revolução iminente nas comunicações trará benefícios e problemas muito maiores do que a revolução da microinformática.” – Bill Gates

“O que nos mantém seguros, nos mantém livres” – *Minority Report*

Se a afirmação de que, o que nos mantém seguros, nos mantém livres, como profetizado na película *Minority Report* (2002), estamos nos enveredando em um erro sem volta. Já que o avanço tecnológico não tem como deter, controlar o que é exposto é o mínimo que se pode fazer. Nesse entrave o corpo é que fica na frente de batalha sofrendo sem ao menos poder se defender. Procurar compreender essa infovigilância que através das tecnologias de controles digitais e mecânicas ocuparam os espaços sociais e como o fator velocidade imperando nesse contexto é o mesmo que tentar decifrar os códigos binários sem auxílio de um *corpus*. Esses vetores que supostamente aproximariam as pessoas, acabaram por escravizá-las. A *surveillance* neste contexto pode e influencia a ordem social e comportamental das pessoas e que a partir da busca por segurança, seja pelo rastreamento visual ou por códigos digitais, na qual a proteção é fator de garantia da vida, ao mesmo tempo quem paga o preço, é a liberdade de toda uma sociedade. Firma-se, nesse contexto também, uma violência simbólica e não tendo como optar aceitam tal imposição. Podemos entender ainda como atributo da infovigilância todo um sistema cercado de proteção social na qual o indivíduo tendo a certeza de estar protegido se torna refém dele mesmo sem saber e acredita realmente que uma vez posto, sua liberdade estará garantida.

Verifica-se, porém, que a ilusão de muitos beneficia uns tantos detentores do poder econômico que ao justificar o investimento garante o bem-estar de fato sem dela ter certeza absoluta. Nota-se, entretanto, que a “sede” por segurança tomou a forma de patologia dos novos tempos e tem se tornado recorrente atingindo até a jovens que com o sentimento de liberdade recorre aos aparatos para estar garantido como pessoa dentro de um ambiente socialmente aceitável. Usam seus aparatos para revelar situações inusitadas, tragédias e assim

V COMcult

o que custa o virtual?

preservar seu *status quo*. A midiaticização do corpo se torna presente e o que se percebe é justamente o contrário, escraviza-as, ora controladora. Se tempo é dinheiro, o vetor velocidade é poder, segundo afirmou Paul Virilio em entrevista para o filme de Stéphane Paoli para o Canal Arte em 2008. Neste escopo, o vetor velocidade é uma das causas das enfermidades sociais e ao mesmo tempo um imperativo da violência dentro da cibercultura e uma forma simbólica de exclusão. A existência em tempo real, um conceito na qual o corpo presente tátil ou não, representa um lugar no contexto da cibercultura.

Sabemos que a partir dos anos de 1940, as transformações tecnológicas a favor da humanidade por qual passamos, evidenciou as próteses humanas e com elas vieram junto as acomodações físicas e sensoriais passando de motores para antropomórficos. Esse conforto que tanto se procurou para que a liberdade fosse festejada deixou um legado de aprisionamento e dependência e ao mesmo tempo uma crise de dimensão e representação. As câmeras de infovigilância conjugam tudo e todos os atributos observados: o corpo, o tempo real e o espaço. David Lyon (1994), observa a *surveillance* não apenas como uma questão da vigia individual, mas também uma somatória de experiências visuais e físicas nas quais as pessoas estão inseridas e, desse modo, não isenta ninguém do seu alcance. A manipulação nem sempre é perceptível e dessa forma, atinge quem está sob os olhares eletrônicos e quem está fazendo a vigilância. Basicamente, a *surveillance* influencia a ordem social e comportamental das pessoas.

Com o desenvolvimento da tecnologia para o domínio do capital, a vigilância eletrônica por meio de sistemas fechados ou circuitos capazes de conduzem o modo de comportamento das pessoas fazendo com que elas obedeçam uma ordem imposta coibindo seu ir e vir despreocupados se estão sendo vigiados ou não. Há também um contingente na sociedade, expressivo, que veem como uma invasão da privacidade sem limites e que o avanço das tecnologias dos computadores na sociedade moderna é visto por um lado como promissor e por outros como um relevante instrumento ameaçador. Por conta destes avanços significativos nos sistemas comunicacionais a partir dos comandos eletrônicos na busca de segurança, é notório que há nesse contexto inclusões e exclusões das mais diversas, seja pelo rastreamento visual ou por códigos digitais e mesmo que elas não sejam empregadas, são elementos importantes para uma conquista ideológica.

V COMcult

o que custa o virtual?

Para se estar incluído socialmente na civilização cibercultural, o usuário tem que estar *up to date* nas tecnologias vigentes e quando finalmente elas funcionam estão obsoletas. E ainda com um agravante, a dromo aptidão que Trivinho (2012) aponta como sendo um dos fatores primordiais para o conhecimento da tecnologia. Para ele, ser dromoapto é dominar o conhecimento e quem não se encaixa nesse contexto sofre as consequências da exclusão de uma sociedade veloz. Observa-se que desta exclusão ocasionalmente surge o medo de enfrentar e se colocar à frente para que o domínio aconteça. O perigo maior neste ambiente é o vínculo e a dependência, a troca do “Ser” pela máquina. O medo instaurado pela existência e vínculo virtual, a falta de recursos para combater esse espectro que ronda a todos, é herança de outrora na qual o homem necessitava proteger seu espaço e seus pertences. Voltar no tempo e ver como o homem gerenciava sua sobrevivência e nesta forma de agir, o homem se moldou e se cercou.

A seleção natural perde espaço para o virtual e não há mais amigos ou inimigos. Tudo que cercam nossas vidas inclusive as pessoas, estão conectadas e rastreadas por uma linha tênue de relações na busca pela segurança para serem livres. Se a proteção é fator de garantia da vida, a liberdade é quem paga o preço por essa escolha. Reside neste ponto o anacronismo, pois é exatamente o fato de sermos livres que nos torna responsáveis por nosso aprisionamento. No momento com a proliferação de aparelhos eletrônicos dos mais diversos, o “corpo” tem sido suporte destes *gadgets* na forma de telefones móveis sempre inseparáveis que anteriormente habitavam as bolsas e bolsos. Não se pode acreditar em modismos ou *status* apenas. Pode-se observar em todo âmbito social e não importando o local na qual se apresenta, que o aparelho está continuamente nas mãos assinalando uma segurança que na verdade não existe.

Desde as eras mais remotas quando o homem procurou estabelecer seu espaço, adversários dos mais diversos procuraram tirar do domínio do outro tudo aquilo que queria para si como forma de sobrevivência. Era necessário continuar a espécie e como a princípio não eram nômades, qualquer alteração de seu lugar comum o preocupava e nas cavernas encontraram uma maneira de se proteger dos inimigos. A partir do momento que o nomadismo passou a ser a quebra do limite do homem com a natureza, percebeu que precisava cuidar de sua segurança e da sua sobrevivência pelo fato de que carregaria apenas o

V COMcult

o que custa o virtual?

que o corpo conseguisse em sua jornada, a mobilidade e agilidade era fator também de sua existência.

Seu verbo era “experimentar” o mundo, comer aqui, beber ali, caçar acolá, colher o que aparecesse e servisse para o momento. A descoberta requer movimento incessante. A narrativa da vida era constituída pelo movimento e pela experiência concreta do dia a dia. Cada jornada, uma narrativa tecida pelos pés. (BAITELLO, 2012, p. 34).

Assim o homem conseguiu sobreviver percorrendo eras e ainda continua nessa batalha diária de proteção. Tempos depois, nos períodos que antecederam a Revolução Industrial, o homem procurou a proteção dentro das paredes dos castelos que no pulso firme do rei tinha o olhar vigilante sobre seu povo e seus inimigos. Com seu poder mantinha tudo em ordem pois seus domínios eram até onde os olhos alcançavam ou por limites herdados. Poder e o controle estavam nas mãos de um só. Esses elementos de estado no qual o rei com seu corpo e sua presença física mantinha a ordem e a mesma era seguida à risca; seus olhos eram a sua câmara de vigilância. Já se pensava em vigilância como proteção de bens.

Ao lado da grande tecnologia dos óculos, das lentes, dos feixes luminosos, unida à fundação da física e da cosmologia novas, houve as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas dos olhares que devem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparou em surdina um saber novo sobre o homem, através das técnicas para sujeita-lo e processos para utilizá-lo. (FOUCAULT, 1988, p. 154).

Toda forma de vigilância tem como função principal adestrar o vigiado sejam eles eletrônicos ou não e quando captam a desordem, imediatamente as retaliações aparecem. A disciplina opera por dispositivos que apreendem seu *modus operandi*. Qualquer dispositivo que tenha efeito de observação sugere poder e controle, como consequência a coerção se estabelece e a *surveillance* tem seu papel declarado.

Ao passar dos tempos com os processos da Revolução Industrial, esses métodos foram abolidos e aos poucos foram sendo substituídos por aparatos que continham cada vez mais tecnologia. O desenvolvimento dessas tecnologias possibilitou ao homem vigiar e ser vigiado e assim manter o poder sobre tudo ao seu alcance. Como se vê, milhares de anos depois,

V COMcult

o que custa o virtual?

nossas preocupações continuam as mesmas, é o “Ouroboros”² da humanidade. O poder qualquer que seja ele ou de que forma ele se apresenta, sempre esteve ligado ao ser humano desde as eras remotas onde a lei do mais forte dominava o mais fraco. O “poder” como palavra em nossa sociedade tem nuances como sendo uma ideia de força exercida pelo Estado para fazer valer o direito; caráter este do acúmulo das mais diversas teorias políticas e filosóficas através dos tempos. A humanidade só respeita uma autoridade por saber que para uma ação haverá uma oposição recíproca, ou seja, para uma ação ou infração cometida, a resposta é rápida e dolorosa. As dificuldades encontradas na sociedade com os problemas sociais na deficiência dos órgãos públicos, a criminalidade formara verdadeiras empresas especializadas em roubos, sequestros, homicídios e tráfico de entorpecentes. Diante desta realidade sabemos que não podemos entregar nossa segurança apenas nos órgãos públicos já que os mesmos não podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo, com isso procuramos complementar esta deficiência com a contratação de uma assessoria e planejamento de segurança.

A segurança eletrônica é um recurso que vem a cada dia se destacando como um valioso auxiliar na proteção do público ou do privado. Com o auxílio da tecnologia moderna, veículos roubados podem ser localizados em minutos depois de disparados os alarmes eletrônicos, câmeras de vídeo desestimulam ou denunciam ações furtivas em sua propriedade, cartões magnéticos substituem os antigos crachás com eficiência, alarmes acionados por sensores infravermelhos auxiliam a detectar a violação em sua propriedade. Podemos observar essas tecnologias em diversos lugares como escolas, restaurante, lojas, residências, praças públicas e hospitais, ou seja, a importância que essas tecnologias trazem para nosso dia a dia somando eficiências e trazendo mais segurança para a sociedade. A pergunta é. Será mesmo que toda essa tecnologia é para a proteção ou apenas para que determinado setor saiba o que as pessoas estão fazendo, pensando, usando ou distribuindo? Lembramos que nessa

² Ouroboros: Este símbolo aparece principalmente entre os gnósticos e representa-se como um dragão, cobra ou serpente que morde o seu próprio rabo. No sentido mais amplo, é simbólico do tempo e da continuidade da vida (57). [...] Em algumas versões de Ouroboros, o corpo é metade de luz e pela metade escuro, aludindo deste modo a sucessivo contrabalançar de princípios opostos como ilustrado no símbolo de Yang-Yin chinês por exemplo (32). Evola afirma que representa a dissolução do corpo ou serpente universal que (para citar o gnóstico que diz) ‘passa por todas as coisas’. [...] O Ouroboros mordendo o seu próprio rabo é simbólico da autofecundação ou ideia primitiva de uma Natureza autossuficiente — uma Natureza, isto é, que, à la Nietzsche, constantemente volta, dentro de um modelo cíclico, ao seu próprio começo. (CIRLOT, 1971, pp. 246-247).

V COMcult

o que custa o virtual?

guerra o abate do adversário não é o mais importante e sim a provocação pelo pavor da insegurança. O vínculo que ao mesmo tempo une, aperta. Nesse sentido, o apertar é para estar sempre atualizado nas tecnologias.

O avanço no desenvolvimento das tecnologias de vigilância, ora denominada *surveillance* cresceu na mesma velocidade que as cidades foram se tornando mais ricas. O montante investido em equipamentos, softwares, aparatos individuais remotos é proporcional ao medo das grandes cidades. Embora não estejamos adaptados à essa mudança de comportamento, o mundo em geral está se protegendo com programas de vigilância eletrônica nos mais diversos segmentos na qual o foco são as pessoas e seus comportamentos. Nada foge à regra de um sistema de vigilância que apesar de serem independentes, confunde as esferas pública com a privada. Os gastos privados vêm se ampliando e o público acompanha de perto essas atualizações nos seus espaços. Por outro lado, as incertezas da proteção não garantem a segurança necessária pois não se pode contar com o poder público para que sua segurança seja garantida na mesma velocidade que as câmeras captam estas ocorrências. A punição não visa expiar e nem repreender, mas fazer com que as pessoas saibam seu lugar na sociedade em que vivem e diferenciar os indivíduos em relação à uma regra imposta. Em outras palavras, procurar compreende um modo de exposição que pelos *gadgets* eletrônicos modula a vida social dos indivíduos. A vigilância é de caráter normalizador de uma ordem pré-instalada. O cerne da questão está em determinar o que é plausível ou não.

O tempo da existência como algo presente se torna passado, aquele instante já não existe mais, mas a atemporalidade é inesgotável pois o registro fica. O tempo real é o tempo de agora e a tele é a distância por espectro. A “Existência” vaga pelos bits e bytes eletrônicos das tecnologias comunicacionais. Podemos dizer então que essas tecnologias são os “panópticos” da cibercultura que assumem diversas formas, tamanhos e tecnologias agregadas. Alguns exemplos são marcantes. Cartões de crédito, de ponto eletrônico, telefonia móvel, bancos e mais atualmente os *drones* que antes para uso militar fora convertido para uso doméstico; é o poder do capital na sua forma primal. Novidades e mais novidades sempre, o ganho não tem parada e nem escala. Quanto mais conectado por vias eletrônicas, menor é o mundo e mais fácil de manipular é a potencialização na sociedade.

V COMcult

o que custa o virtual?

Por outro lado, qualquer consideração acerca da nossa condição parece reduzir a liberdade de escolha. Mera ilusão, trocar o ambiente por aparelhamento na qual teremos que nos adaptar, é uma falsa escolha e um relevante atraso numa estrutura construída através de gerações. É retroagir na nossa anatomia, nossa fisiologia, nosso cérebro e, portanto, a nossa capacidade de inteligência e consciência. Em qualquer instância somos representados pela nossa cultura desde nosso nascimento com regras, tabus, mitos, e por questões mercadológicas impostas à nossa sociedade que impõe suas leis, regras e proibições, então, nosso lugar comum por assim dizer é guiado. Somos tecnologicamente dependentes e órfãos. Como querer ter liberdade quando nós mesmos damos o corpo para ser o produto final e ser apenas o laboratório ambulante das grandes corporações. Se a liberdade é o poder de escolha, o que nos impulsiona a escolher pelo aprisionamento do corpo; ao que parece as pessoas gostam desta violência pois a sensação é boa. As tecnologias a serviço do homem, visíveis ou não, tornaram esse aprisionamento prazeroso. A sensação de proteção do corpo vai além dos fios condutores de eletricidade que fazem os olhos eletrônicos cuidarem da vida dos outros e das nossas também. Em outras palavras não basta a preocupação diária as considerações vão além. Algo como a espetacularização em tempo real. Revela-se assim então que o corpo é preso na medida em que a tecnologia avança. Não se pode hoje ser leviano em acreditar que podemos desvincular o corpo e tecnologia. Não se tem a segurança sem o que o corpo esteja aprisionado pelas telas eletrônicas de vigilância. Se as câmeras têm como alvo os movimentos corporais, o controle é a razão de sua importância policialmente sitiada. Imagem e violência simbólica caminham *pari passu* em uma sociedade adoentada por tecnologia sem ao menos se importar nas consequências. Lucros são mais importantes que a condição como Ser. O homem passou de autor para ator, numa representação diária dos seus movimentos. O corpo se tornou produto do mercado vigente uma vez nas vias eletrônicas você já não é mais o dono apenas escravo. E terá que correr para que se prove o contrário. Que garantias a pessoa tem com a exposição se ela não a controla? O aparelhamento pode ser necessário, mas seu uso geralmente causa fraturas irreversíveis. Se todo ciclo deve prosseguir, mais uma vez voltamos a comentar acerca do tempo e da velocidade na propagação deste espetáculo de um ator só. A produção como tempo e o tempo como mercadoria caminham paralelamente na acumulação infinita dos espaços.

V COMcult

o que custa o virtual?

“O corpo não se reduz a um único vetor ou a uma única direção de vinculação... não é... mero meio de comunicação ou mídia. Muito antes, ele é um catalisador de ambientes, e talvez seja sempre o catalisador inicial de um ambiente comunicacional. [...] Sua simples presença gera a disposição de interação, desencadeia processos de vinculação com o meio, com os outros seres do entorno e com seus iguais[...]” (BAITELLO, 2008, pp. 95-112).

Se o tempo é irreversível, então nesse complexo de relatividade todos os segmentos devem provar a sua existência no que tange à quantidade. Vez por outra o quesito qualidade, quando é lembrado, é trazido à baila. Mas via de regra não é necessário. Seu valor é permutável e nessa conta social o tempo manda mais que o próprio homem. O tempo supervalorizado é algo como tempo versus corpo. Sendo assim, podemos dizer que o corpo tem prazo de validade. Existe a vida no corpo, no mundo, na humanidade, da qual somos parte e se encerra quando morremos e que pelas redes eletrônicas todos estamos conectados pela eternidade mesmo que sejamos deletados do ponto inicial. Nascer e morrer é um mistério que podemos apenas aceitar e que na virtualidade encerra-se este mistério. O valor do imaterial é superior ao próprio sentido. Esses valores se perdem, pois, os indivíduos estão conectados de diversas formas e cada um com suas crenças, valores e atributos de pertencimento. A identidade não reflete no mundo da virtualidade pois não é algo concreto e tudo é construído a partir de valores diversos.

Nas vias eletrônicas não podemos mais afirmar que esse ponto de ligação absoluta ainda exista. Como mesmo Bauman (2014) afirma a questão da vida líquida, na qual tudo está diluído seja pelo tempo ou seja das ligações sociais. O corpo não tem mais lugar nesse tipo de conceito. Não há mais ideias fundidas ou princípios declarados. Por ser, os canais eletrônicos, uma ferramenta absolutamente livre, os conceitos de identidade estão deslocados ou praticamente não existem. Há várias maneiras de interpretar o conceito de redes e nelas estarmos relacionados. O advento comunicacional por vias eletrônicas passou, passa e passará por diversos períodos até o seu “quase” total aperfeiçoamento. No tocante à vigilância, o corpo passa por uma experiência sem precedentes, pois não é algo tangível e nem ao menos suportado por aparatos realmente seguros. A morte do corpo se faz presente e essa sensação de “leveza” preocupa. Nada é seguro. Há muito tempo defendo a teoria de que tudo que é

V COMcult

o que custa o virtual?

eletrônico pode ser alterado e não é seguro por não ter mais controle quando o botão de start é acionado.

A ideia de uma sociedade de comunicação só se faz como sendo uma utopia adaptada. De um lado aparatos eletrônicos, técnicas flexíveis, integradoras e inteligentes instaladas em todos os lugares disponíveis para o homem ter o seu conforto e por outro a visão sombria de uma eloquente sensação de bridões presos às cabeças para que sejam comandados a seguirem em frente ou virar a bel prazer. De toda forma, as boas intenções que se seguem e de modo mais contundente é a fuga da própria classe e que elas mesmas destroem de forma invasiva e profunda sua característica particular de produção. Seu individualismo somente desarticula-se quando separa aprendizado e produção. Sendo assim, os três imperativos que se seguem são: separar a ciência da técnica, a ciência da ideologia e por último renunciar qualquer teoria geral sem embasamento e sem o foco da pesquisa completa e dos estudos de campo. Sem esses três atributos citados será que o Homem algum dia conseguirá viver sem a comunicação virtual por obrigação, libertar-se desta sociedade de comunicação tecnocrata? Ao que parece todo esse funcionalismo a favor dos usuários de sistemas digitais caem na mesma armadilha. Sempre que tem uma tecnologia de ponta sendo lançada e que ao mesmo tempo já está obsoleta. O que se segue é estranhamente uma violência inaudível, invisível, mas, porém, tátil. Ela, a violência, pode se manifestar de várias maneiras, guerras, torturas, disputas étnicas, assassinato fome, preconceito e também em outras frequências da vida social. A violência dos modelos digitais não foge muito a esse escopo, é uma agressão não visível na sua totalidade e que afeta e destrói muito mais do que a física. E esse poder simbólico é que posteriormente toma ares de violência simbólica.

Como o corpo permanece neste sistema simbólico na qual ele não tem contato a não ser depois que foi tomado de assalto e as considerações que por ora a cerca e o aprisiona deixa claro que aquele que tiver a ilusão ou pretensa certeza de que a liberdade dos meios acontecerá de forma automática, emitir e receber, cai na falácia de um suposto liberalismo que, sob a dissimulação entrega e não vende como é sugerido, se esvazia quando da presença dos detentores do capital forçam a ordem preestabelecida dos interesses sociais. Ou o corpo se mostra na sua totalidade e escapa das veias eletrônicas ou cairá nas garras da fobia sem saber que esta manipulação dá direito à anestesia social. Como está funcionando e atende muito

V COMcult

o que custa o virtual?

bem ao que se presta, passa despercebido e cada vez mais o corpo afunda no “lamaçal” cibernético dos aparatos tecnológicos recém lançados e já obsoletos. Com essa parafernália eletrônica midiática o homem fica fragilizado por saber que nada é absolutamente certo e inquestionável na medida que o tempo todo as informações são trocadas e atualizadas numa velocidade quase que imediata. Somos de alguma forma incapazes de estancar esta rapidez na medida que não temos como prever que direção vai indicar. O homem tecnológico só tem o olhar para questões que de alguma maneira possa manipular e com essa atitude torna-se refém dos perigos invisíveis que a tecnologia prepara e apontando para um mundo de incertezas e como tudo não é certo ou concreto porque haveria de ser seu futuro esperançoso se o que não há controle não há estabilidade social e desse desdobramento mais perigoso que o próprio medo em si. O caráter de medo que apoderou do corpo pode ser medido como uma fobia e nesse ponto se inicia uma outra problemática acerca da vida digital. Os medos crescentes nem sempre são de ordem natural, podem surgir de uma deficiência psíquica ou de uma neutralidade de traumas.

Ao apontar que as boas intenções para uma sociedade livre, abre-se o compasso para situações de risco e que muitas vezes nos condena por completo e ao mesmo tempo um futuro problemático. A abertura ou o relaxamento do que é exposto são chaves que nem sempre contribuem para a ordem econômica do ambiente cibercultural e o controle do tempo de exposição é parte crucial desse sistema que integra toda uma sociedade desde os elementos abstratos do cotidiano às atividades e hábitos. A ordem passou a ser: O aparelho não sai de casa sem o corpo. A dependência passa a ser total e imparcial. A tecnologia é mais importante que o contato pessoal o que outrora era visto apenas como uma ferramenta de trabalho. Nota-se que as pessoas estão juntas, mas separadas; estão próximos, porém distantes e divididas por um simples aparelho que tocam suas vidas. O corpo perde sua identidade por estar permeado neste conjunto de relações e esta é uma posição de aceitação por não ter para onde fugir e estar engendrado no sistema para que o curso das coisas siga seu caminho sem a intervenção de qualquer parte que seja. Nutre-se aí a insegurança por parte dos meios. E é causada não pela falta de proteção e sim da falta de clareza do seu escopo num universo social que foi organizado em torno da procura incessante de proteção e da busca frenética por segurança. O medo da inadequação para uma convivência em rede não é a causa principal dessa realidade

V o que custa o virtual?

que acabou gerando essa doença social e universal que vem assombrando através dos séculos. Essa violência é tamanha que parece que estamos retornando ao tempo das cavernas, onde tudo era permitido para a própria sobrevivência, ao mesmo tempo para defender seu grupo social e pelo medo da maleficência e dos malfeitores humanos, geralmente desencadeados pela suspeita de outros seres humanos e suas intenções não temos a capacidade de distinguir o certo do errado e possivelmente essa entrega do corpo ao virtual seja uma fuga da realidade social e esse redoma também serve de amparo para os *gadgets* produzirem seu efeito de poder e segurança.

O confinamento dos corpos não mais [se dá] na cela cinética da viagem, mas numa cela fora do tempo, que seria um terminal eletrônico em que deixamos por conta dos instrumentos a organização do nosso ritmo vital mais íntimo, sem nunca mais nos deslocarmos, enquanto a autoridade do automatismo eletrônico reduziria nossa vontade a zero. (VIRILO, 2015, p.14).

Com isto é fato notar que estar protegido cria vínculos e em contrapartida um conjunto de regras e métodos para poder ser aceito, controlar para ser controlado pode ser uma das características mantida na sombra das relações da civilização. O pensamento voltado para a coletividade está em uma condição “*sine qua non*” dos sistemas de controle das pessoas, mas tudo isso tem um preço a se pagar que pode ser alto demais, neuroses que estão intimamente ligadas à solidão, angústias e incertezas sejam elas em forma de ameaças ou de conflitos.

Em suas formas mais complexas, o ambiente virtual é um verdadeiro «espaço de síntese» em que se pode ter a sensação de se mover «fisicamente». Este sentido de «deslocamento físico» pode ser obtido de maneiras diferentes, mas na maioria das vezes é dado por uma combinação de dois estímulos sensoriais, um baseado em visão estereoscópica total e outro sobre uma sensação muscular chamada correlação «proprioceptiva» entre os movimentos do corpo real e as alterações aparentes no espaço artificial em que é «mergulhado». Por exemplo, no caso mais simples, um passo feito no mundo real, pode significar vários passos dados no mundo virtual. [...] Cada ação do corpo resulta numa alteração correspondente no espaço tridimensional que envolve por todos os lados como um capacete estereoscópico. (QUÉAU, 1989, p.14).

Ao que parece não é uma conta muito justa na medida em que o corpo com suas necessidades sensoriais perde espaço na luta com a tecnologia e com essa visão de acomodação em ver o mundo passar através de um clique e pensar que estamos protegidos por telas que através das câmeras e outros dispositivos que nos colocam em proteção virtual,

V COMcult

o que custa o virtual?

saber que estar aqui ou ali gera sensação nunca antes experimentadas nega por completo a nossa individualidade. ‘Estar’ protegido não significa ‘ficar’ protegido. Pensar que por esse gesto facilitaria nossa vida e simplificaria nossas emoções, a vida fica reduzida aos quadriláteros dos bits e das transmissões elétricas, a fragilidade do corpo como vida é trocado pela fortaleza quando máquina, ou seja, estar virtual dá poder na qual em corpo não se pode ter essa potência. O ingênuo se torna malandro, o tímido toma ares de destemido e o meliante torna-se cavalheiro. Tudo e todos pelo virtual. Perder o sentido somente é possível quando protegido por escudos visíveis ou não. Turkle (2005) comenta em uma passagem essa transfiguração estando totalmente “bunkerizada” e protegida.

A máquina antropomorfizada, deu-lhe um «fora». Ela pode ser simpática com o cliente inconveniente sem se comprometer com os colegas ou a sua segurança como uma "empresa". (TURKLE, 2005, p.247).

Qual será o custo do virtual enquanto a humanidade compensar suas frustrações, fraquezas e falta de sentido na vida e apostando suas fichas que a tecnologia o tirará do lugar comum e o transportará para o Shangri-la³ das experiências cibernéticas. Estar protegido e ao mesmo tempo solitário quando as câmeras de vigilância, cartões identificáveis, senhas das mais diversas para entrar ou sair não puderem proteger o cidadão da realidade da vida. O argumento mais usado é que comunicar quase que exclusivo por meio de aparatos eletrônicos de comunicação é a poder controlar cada passo da conversa e, dessa forma, eliminar as perspectivas de ser surpreendido, só que a moeda inversa também existe. A vigilância ocorre do outro lado também na medida em que todas as informações são gravadas e arquivadas, o dossiê do usuário vai sendo preenchido e arquivado. Essa comunicação tem um lado social perigoso que é a solidão na multidão. Podemos classificá-los como “cibersolitários”, será essa uma nova patologia do século XXI a ser estudada na qual esses equipamentos não mudam como fazemos mas alteram o que somos como seres humanos. Seus corpos inertes sejam na horizontal como na vertical transmitindo dados e recebendo dados. O ir e vir sem tirar o corpo

³ Shangri-la, da criação literária de 1925 do inglês James Hilton, Lost Horizon (Horizonte Perdido), é descrito como um lugar paradisíaco situado nas montanhas do Himalaia, sede de panoramas maravilhosos e onde o tempo parece deter-se em ambiente de felicidade e saúde, com a convivência harmoniosa entre pessoas das mais diversas procedências. Shangri-la será sentido pelos visitantes ou como a promessa de um mundo novo possível, no qual alguns escolhem morar, ou como um lugar assustador e opressivo, do qual outros resolvem fugir. O romance inspira duas versões cinematográficas nas décadas seguintes. No mundo ocidental, Shangri-la é entendido como um paraíso terrestre oculto. Fonte: Abril Cultural.

V COMcult

o que custa o virtual?

do lugar comum e que om apenas um toque tudo estará à mão. A tela líquida dos computadores e tablets brilhando e com sua inebriante cegueira sem se esquecer que continuam vigiados. Tudo isso me traz à baila na película Wall-E (2008) na qual as pessoas de tanto estarem ligadas na luz da tela se esqueceram da vida e quem pagou com isso foi o corpo uma peça inerte, obesa vivendo em *shopping center*, conversando por tablets e as pessoas ao lado. Olhar travado na tela nem sequer ao menos aproveitar a vida e para estar mais fechados e bunkerizados com seus fones para se sentirem protegidos, vigiados e ciceroneados por um maquinista tão gordo e obeso como seus viajantes e controlados por um timão que tudo vê. Apenas de passagem me remete à 2001 Uma Odisseia no espaço de Stanley Kubrick (1968) com seu HAL9000 vendo tudo e vigiando todos. Será esse tipo de sociedade que queremos ou já estamos vivendo uma era controladora e nem nos demos conta disso, apenas entramos na onda e acompanhamos o progresso inevitável. A interatividade e a manipulação da vontade no ciberespaço que ao solucionar problemas por vezes podem trazer outros na bagagem e nem sempre estaremos preparados suficientemente para levar esse fardo adiante em nosso processo de emancipação civilizatória na medida em que corpo máquina se relacionam.

Referências

2001 - Uma Odisseia no Espaço. Direção: Stanley Kubrick. DVD 2:41m. MGM: 1968.

AUGÉ, M. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade.** Lisboa: 90 graus, 2005.

BAITELLO, N. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. In: RODRIGUES, David (org.) **Os valores e as atividades corporais.** São Paulo: Summus. 2008.

_____. **O pensamento sentado.** São Leopoldo: Unisinos, 2012.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulação.** Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Z. **Vigilância líquida.** São Paulo: Zahar, 2014.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Lisboa: Bertrand, 1992.

DELEUZE, G. **Postscript on the societies of control.** October, Vol. 59 (Winter, 1992), pp. 3-7. MIT Press:1992. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/778828?seq=1#page_scan_tab_contents

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Microfísica do poder.** São Paulo: Graal, 2011.

GATES, B. **A estrada do futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GORZ, A. **O imaterial: Conhecimento, valor e capital.** São Paulo, AnnaBlume, 2003.

HILTON, J. **Horizonte Perdido.** São Paulo: Editora Abril Cultural, 1980.

KAMPER, D. **Textos diversos.** <http://cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewcategory/3-kamper-dietmar.html>.

V COMcult

o que custa o virtual?

LYON, D. **The electronic eye: The rise of surveillance society**. Minneapolis: University of Minnesota, 1994.

Minority Report: A Nova Lei. Direção: Steven Spielberg. DVD 145 min. 20th Century Fox: 2002

QUÉAU, P. **Le virtuel. Vertus et vertiges**. Paris: Champs Vallon, 1989.

TURKLE, S. **The second self: computer and human spirit**. Massachusetts: Cambridge, 2005

VIRILIO, P. **Guerra e cinema: logística da percepção**. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Estética da desapareição**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

"**Paul Virilio: Penser la vitesse**" Direção: Stéphane Paoli (documentaire 90 min / 2008 / La Générale de Production / ARTE France)

WALL-E. Direção: Andrew Stanton. Disney movies. DVD 98 min. Pixar Animation Studios: 2008.

WIENER, N. **Cibernética e sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo, Cultrix, 1954.